

OS ESPAÇOS DE MEMÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA

Letícia Mendes da Silva

Universidade Federal do Acre
lety.mendes.silva@hotmail.com

Este artigo apresenta os resultados de uma proposta pedagógica desenvolvido na escola Pe. Antônio Diogo Feijó, situada na cidade de Rio Branco, Acre. A importância deste trabalho é socializar formas através das quais o Ensino de História pode se mostrar atrativo, desta feita, através de visitas aos espaços de memória da cidade. A ação pedagógica se deu visando ultrapassar os limites de uma aula de campo ou questionário a ser respondido pelos alunos, e propõe analisar formas de apropriação do passado na tentativa de legitimação da cultura de um povo, rediscutindo alguns aspectos da história acreana e identificando os embates da e sobre a memória. Alguns autores discutem esse tema e abrem a possibilidade de relacionar o Ensino de História e o uso da História Pública. No espaço desta comunicação destacamos a autora Circe Maria Fernandes Bittencourt, aborda Patrimônio Histórico e lugares da memória usados para o desenvolvimento de atividades lúdicas e ampliação do conhecimento sobre o passado. Temos também Juniele Rabêlo de Almeida e Marta Gouveia de Oliveira Rovai que tratam os diferentes usos da História Pública como uma nova visão do Ensino de História. Norteados pela orientação dessas autoras, desenvolvemos uma atividade cujo diferencial se deu, principalmente, no retorno ao ambiente escolar, local em que os alunos participantes da atividade de campo puderam se reconhecer e serem reconhecidos como agentes na produção do conhecimento que pôde ser compartilhado com os demais membros da comunidade escolar.

Palavras-chave: Ensino, História, Espaços de Memória.

Introdução

O presente artigo nos apresenta os meios pelos quais o uso de museus da cidade de Rio Branco no estado do Acre se torna atrativo para o ensino de história, de maneira que se torne uma nova busca de possibilidades para o professor da área, onde o livro didático passaria a ser apenas uma base para o ensino, pois o uso dos museus de maneira correta como meio de ensino pode aguçar ainda mais a construção do conhecimento histórico nos alunos.

Os museus da cidade de Rio Branco no Acre se apresentam de maneira diversificada e atrativa, alguns sendo construídos ainda por governadores do território do Acre como o Palácio Rio Branco e outros construídos a partir de outros espaços como o Memorial dos Autonomistas e Casa Povos da Floresta. Possuindo cada um sua característica específica e com seu conteúdo histórico particular, mas não deixando de fazer parte da mesma história.

Esta pesquisa apresenta as maneiras como o professor de história pode estar aproveitando melhor esses espaços de memória da cidade de maneira que possa aprofundar os conteúdos de história apresentados na proposta curricular. Pois o potencial educativo do processo de ensino aprendizagem da disciplina está diretamente vinculado com a formação, princípios e prática do professor.

Como afirma Silva (2010):

O trabalho voltado para a construção do conhecimento a partir do potencial educativo de determinadas instituições como é o caso dos museus, exige do professor um olhar mais acurado e crítico para esse espaço e uma metodologia específica, pois deve ser visto como espaço provocativo de reflexões e não como depositário de verdades definitivas. (SILVA, 2010, p.354)

A tarefa do professor como agente transformador não está relacionada apenas com a transmissão direto de conhecimento pronto e acabado, mas como um mediador entre o aluno e objeto a ser apreendido. No entanto, o docente se encontra com uma variedade de ferramentas mediadoras desse conhecimento que de certa maneira auxilia nesse processo, como a visita guiada em museus sendo o mesmo um objeto da cultura material de uma sociedade.

O acervo patrimonial se torna um grande aliado a esse processo de ensino-aprendizagem do ensino de história.

Pois segundo Paz e Graebin (2012):

A relação museu-escola tem conquistado sua relevância no campo do ensino de História, na perspectiva de promover formas de ensino-aprendizagem, dinamizando a construção de novos conhecimentos e aumentando o apreço dos educandos pela disciplina. (PAZ e GRAEBIN, 2012, p. 103)

Na escolha deste tema tive como motivação mostrar através desta pesquisa a importância que estes espaços de memória possuem, a fim de viabilizar o entendimento da maneira como educadores podem estar utilizando-os mesmos para o processo de ensino-aprendizagem da educação escolar. Tendo em vista que a proximidade com um desses espaços de memória nas atividades exercidas por mim como estagiária em um período de cinco anos no museu Palácio Rio Branco me trouxe ainda mais contato com esse processo do uso dos museus para o ensino, obtendo assim, desde o princípio uma proximidade com sua forma concreta material e sua relação com a história e cultura imaterial, entretanto passei a observar o valor cultural e social que estes espaços possuem, e as influências que os mesmos sofreram no decorrer dos anos.

As experiências que pude vivenciar no museu Palácio Rio Branco como guia histórica me trouxe algo muito intenso e positivo quando se trata de ensino-aprendizagem, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas e também a oportunidade de trabalhar com alunos e professores do ensino Infantil, Fundamental e Médio. Além disso, ter trabalhado como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID da Universidade Federal do Acre, desde 2013. Mediante toda essa experiência pibidiana fiz alguns projetos e um desses foi à visita de alunos nos espaços de memória da cidade, buscando fazer durante a visitação guiada no museu uma ponte entre o conhecimento

acadêmico e escolar do qual faço parte, e que muitas vezes não se torna atrativo para os alunos, com os espaços de memória que trazem outras maneiras de ensinar história, tendo em vista que tomei todo o cuidado, pois o contexto social do qual os museus são feitos e mantidos tem que ser colocado em questão.

Contudo, as ideias principais das visitas nos museus é justamente fazer com que os alunos possam usar o espaço de maneira não alienada, por meio do conhecimento pronto, mas transformar a visita em conteúdo ensinado para que possa instigar ainda mais seu pensamento crítico. A fim de que a partir disto estes alunos passem a ter a capacidade de fazer uma reflexão do passado através dessas representações existentes no presente.

A objetividade desta pesquisa tem como intenção identificar as maneiras que o Ensino de História possa ser aprendido através do uso dos atuais espaços de memória da cidade de Rio Branco no estado do Acre, de maneira que o processo de ensino-aprendizagem se torne atrativo e dinâmico, sendo que fatores de princípio desta utilização passam a ser conhecer a história dos museus Palácio Rio Branco Memorial dos Autonomistas e Casa povos da Floresta bem como identificar quais são os conteúdos existentes nos espaços e relacionando assim os conteúdos encontrados nos museus com os parâmetros curriculares de história, bem como nossas orientações curriculares estaduais.

Metodologia

Os instrumentos metodológicos para efetivação e desenvolvimento desta pesquisa foi a princípio através de pesquisa bibliográfica, bem como levantamento histórico dos conteúdos mapeados em visita às instituições museais. Dessa forma busquei compreender melhor o museu como prática educativa através da memória com suas especificidades possam ter também os conteúdos influenciados na prática efetiva das ações curriculares, onde aconteceu o seguimento da pesquisa baseando-se e comparando a parte prática com teorias lidas e estudadas na academia.

A escolha do primeiro espaço de pesquisa, o museu Palácio Rio Branco, por exemplo, se deu por se constituir um espaço privilegiado de transmissão da memória e do conhecimento, através de um contexto histórico político da sociedade acreana, tendo sua grande importância mediante seu contexto histórico de construção, bem como sua utilização nos dias atuais como museu e sede do governo do Acre.

O segundo espaço selecionado para esta pesquisa foi o Memorial dos Autonomistas, por ser um prédio pensado para complementar as temáticas da história governamental do

museu Palácio Rio Branco, tendo sua história focada a figura do governador José Guiomar dos Santos, que governou o território do Acre na década de 1940.

De acordo com Lima (2011),

O prédio, construído em uma escala menor do que a do Palácio Rio Branco, trouxe em sua composição elementos de uma arquitetura moderno-contemporânea, cuja linguagem é, também, intimidante. As paredes de vidros ao seu redor determinam uma relação de distanciamento, criando uma “vitrine” de contemplação para os transeuntes visualizarem suas partes interiores, sem necessariamente entrar nas dependências do mesmo. (LIMA, 2011, p. 19)

O terceiro espaço escolhido para a pesquisa foi o museu Casa Povos da Floresta, a escolha do mesmo se deu pela grande contribuição no ensino da história através de sua exposição permanente do imaginário amazônico, contendo mitos e lendas que foram passando de geração em geração oralmente por seringueiros, ribeirinhos e indígenas.

Trabalhar com espaços de memória dentro de uma atividade extraclasse com alunos de Educação Básica por vezes parece tarefa fácil de ser realizada. Sabemos que hoje os espaços de memória vêm sendo utilizados com bastante frequência pelos professores por estes saberem que esses espaços estão integrados nos planejamentos escolares. Mas, como mencionado anteriormente, com relação a ser um trabalho “fácil” de ser desenvolvido, depende muito da maneira como o professor pensa o espaço. O objetivo da visita a um espaço de museu é fazer com que o aluno saia com uma visão crítica e que diante da história oficial eles façam uma reflexão do passado diante da preservação da memória, analisando de forma criteriosa os fatos ali contados.

Parafraseando a autora Circe Bittencourt, os professores de história estão cada vez mais sendo convocados e sensibilizados a utilizarem esses espaços como aliados ao ensino de história como forma de ampliação do conhecimento sobre o passado e as relações que a sociedade estabelece com ele. Mas aliar os conteúdos expostos nos museus com o ensino de história exige compreensão e planejamento para uma melhor execução do trabalho pretendido pelo professor, e que a partir disso, suas expectativas sejam alcançadas na visita aos espaços de história pública.

O uso da história pública dos espaços de memória nos remete a uma análise da forma como relacionamos o passado no contexto de uma sociedade atual, sendo assim, iniciei de princípios básicos no desfrute dos espaços: como é preservado, o que é preservado e por quem é preservado. Essas questões são de suma importância para o bom entendimento do aluno antes de partir para uma prática visita aos museus da cidade. Isso significa que analisar essas questões nos permite entender o que tem sido constituído como memória e qual classe social que se beneficia com ela.

Segundo Bittencourt (2011),

Entre nós, tem-se sediado a ideia de que somos “um país sem memória”, mas cabe questionar qual memória tem sido esquecida e como resgatar um passado que possa contribuir para atender às reivindicações de parcelas consideráveis da população às quais tem sido negado o “direito à memória”. (BITTENCOURT, 2011, p. 277, 278).

Resultados e Discussão

Diante disso, é que propomos o ensino da história através da história pública dos espaços de memória. Temática que, apesar de nos parecer novos, em alguns aspectos, se mostra bastante vista á algum tempo e praticada dentro das escolas. Na verdade, a história pública seria os meios pelos quais a história se mostra atrativa, é o novo olhar do aluno em relação à disciplina em questão. Visto que, muitos alunos de história vêm à matéria como algo chato e cansativo, então, levar esse aluno para fora da escola se torna algo de muita significância para a renovação de conceitos dos mesmos.

Segundo Carvalho (2017) o conceito de história pública nasceu na Inglaterra na década de 1970 e logo ganhou alguns países, chegando ao Brasil. Os historiadores que a originaram pensaram em uma prática voltada para a relação de toda essa memória, logo sabendo que essa memória forma identidades coletivas de um povo. Nesse sentido, vemos a expansão do conhecimento histórico ganhando novos expectadores, saindo de um ambiente acadêmico ou escolar e abrangendo um público maior e principalmente, ganhando mais atenção dos nossos alunos em durante a aula.

Trabalhar a história pública não significa extinguir a ciência histórica, na verdade, é uma forma de estimular os alunos a uma reflexão, um maior interesse por parte deles nos conteúdos históricos. Dessa forma, os alunos podem, eles mesmos, transmitir o que receberam dentro e fora da escola, fazendo com que até mesmo os seus pais, ou seja, a comunidade escolar de forma mais geral, tenham acesso a todo e qualquer conhecimento da história por parte dos museus e outros espaços.

De acordo com Almeida e Rovai (2011),

Outra questão fundamental passou a ser não apenas o contato com a comunidade ou a preservação de fontes, mas a construção de um ambiente virtual, por meio da televisão, do cinema, dos museus, da gestão e conservação de arquivos e centros de memória, da fotografia e da internet. (ALMEIDA, ROVAI, 2011, p.8)

É interessante notar que há certo preconceito de alguns professores com relação aos espaços de memória pelo fato de acharem que a história perde a sua seriedade quando ensinada nestes espaços, quando, no entanto, o leque de possibilidades de aprendizagem perante os meios do qual a história pública apresenta podem trazer uma contribuição ainda maior do que somente o uso do livro didático.

A ampliação do olhar diante do conceito de história pública, baseados na educação patrimonial visa às atuais e futuras gerações, mas tendo em vista não apenas evocar fatos históricos concretos que privilegiam certos setores da sociedade, mas como fazer valer a memória e a preservação daquilo que tem significado cultural para a sociedade local. Os espaços de memória escolhidos para essa pesquisa não foram por acaso, mas por fazerem parte de um contexto histórico importante do estado do Acre e por lá serem espaços de constantes visitas escolares.

Podemos assim perceber que a aproximação positiva entre o currículo formal e o currículo do museu, e que existem sim aproximações e distâncias entre os espaços. Mas diferenças entre meios de se aplicar o ensino sempre existira, porém os trabalhos de pesquisa de campo e de uso da história pública não fazem com que a escola precise abrir mão de seu currículo, mas sim que a mesma aprenda articular com as fontes materiais ou imateriais.

Tendo em vista que o objetivo final de uma aula no museu não é somente o da visita guiada para os alunos, mas que a partir de todo este processo de visitas e retorno à escola a dimensão da ampliação da cultura e da educação pelo e para o patrimônio passe a ser algo introduzido na educação escolar dos mesmos, aonde os museus sendo parte desta história pública, passe a ser olhado com um olhar de contemplação e oportunidades de interação para o ensino e aprendizagem.

Assim como afirma Xavier e Cunha (2010):

Porém, reafirmamos que as fontes históricas não devem ser simplificadas a uma mera ilustração de conteúdos, uma vez que se traduzem em artefatos culturais repletos de intencionalidades. As fontes devem assumir um papel fundamental de significação na estrutura cognitiva do aluno: demonstrar as representações que determinados grupos forjaram sobre a sociedade em que viviam como pensavam ou sentiam, como se estabeleceram no tempo e no espaço; como servir para que o aluno seja capaz de fazer diferenciações, abstrações que o permitam fazer a leitura das distintas temporalidades as quais estamos submetidos. (XAVIER,CUNHA 2010, p.1111)

Conclusões

Portanto, podemos considerar os espaços de memória como uma sala de aula, um lugar de aprendizagem também, é claro que uma educação não formal, ou seja, o aluno ou visitante não fica restrito a uma avaliação formal. O aluno, no que se refere a esses espaços fica a vontade para visitar o espaço quando bem quiser e tirar as suas próprias conclusões do que se percebe no lugar. E essas conclusões individuais que cada aluno ou visitante sempre estará condicionado a sua experiência de vida, valorizando, como aborda Bittencourt (2011), a sua história local.

Contudo, observa-se que busquei constantemente uma análise de reflexão acerca das aproximações entre o Ensino de História na sala de aula e a dimensão Pública, tanto do

estudante fora de sala como da atuação deste na sociedade. Segundo Gelbcke (2014), é preciso que os/as historiadores/as no Tempo Presente, em especial aqueles/as que atuam diretamente na sala de aula, atravessem o trabalho com as referências externas e estimulem o(a) aluno(a) a ser ela(a) mesmo(a) sujeito ativo em seu processo formativo, conforme coloca Isabel Barca (2004). É necessário que se interfira nos mais diversos espaços e atente o estudante para as possibilidades deste também atuar, refletindo sobre as diversas produções e produzindo eles mesmos suas reflexões, colaborando não apenas em seu processo de formação, mas também enquanto sujeitos críticos e ativos publicamente, tendo estes conhecimento sobre sua condição enquanto ativos no processo narrativo da história.

O fato é que os alunos tirem lições proveitosas da experiência nesses espaços de memória, e que aspectos positivos como potencializarão do papel educativo dessas instituições aliadas ao ensino de história passem a ser o principal objetivo dos educadores.

Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. **Por que Visitar Museus?**.

ALBIERI, Sara. **História Pública e consciência histórica**. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). Introdução à História Pública. Florianópolis: Letra e Voz, 2011. p. 7-15

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (Org.). **Introdução à História Pública**. Florianópolis: Letra e Voz, 2011.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do projecto à avaliação**. _____ (Org.) Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2004, p.131-144.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos** / Circe Maria Fernandes Bittencourt---4. Ed.---São Paulo: Cortez, 2011 --- (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental/ coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. História Pública: uma breve bibliografia comentada. (Bibliografia Comentada). In: **Café História – história feita com cliques**. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/historia-publica-biblio/>. Publicado em: 6 nov. 2017. Acesso: [30/07/2018].

FONCESA, Thais Nívia de Lima e. **Ensino de história, mania e história pública**. MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Janiele Rabêlo de; SANTIAGO, Ricardo (Org.). História Pública no Brasil: Sentidos e Itinerários. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 185-194.

GELBCKE, Juliana. **História Pública e consciência histórica: uma reflexão da Didática da História**. In: XIV Encontro Regional de História - 1964-2014: 50 anos do Golpe Militar

no Brasil, 2014, Campo Mourão. XIV Encontro Regional de História - 1964-2014: 50 anos do Golpe Militar no Brasil, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, A. C. C. **Palácio Rio Branco: linguagens de uma arquitetura de poder no Acre**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2011. Dissertação de Mestrado em Letras: Linguagem e identidade.

SILVA, Patrícia Rodrigues da, **O Museu no Ensino de História: buscando novas possibilidades**. Uberlândia, 2010.

PAZ, Felipe Rodrigo Contri; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Do Museu para a Escola: uma experiência de ensino a partir da Coleção Missioneira do Museu Júlio de Castilhos**. Revista Espaço Acadêmico, 2012.

VIANA, Ana Paula Bousquet. **Palácio Rio Branco: o palácio que virou museu**. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação de mestrado em Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

XAVIER, Erica da Silva. **O uso das fontes históricas como ferramentas na produção de conhecimento histórico: a canção como mediador**. Antíteses, Londrina /UEL, vol. 3, n. 6, pp. 1097-1112. Jul./ Dez. 2010.